

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ENTREVISTA COM A PROF^a DR^a DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY

Diretoria AGB-PA

Boletim Gaúcho de Geografia, 24: 148-152, maio, 1998.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39292/26311>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ENTREVISTA COM A PROF^a DR^a DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY

Dirce Maria Antunes Suertegaray é professora titular nos cursos de graduação e mestrado em Geografia do Departamento de Geografia da UFRGS. É uma das mais antigas sócias da AGB-PA, tendo sido diretora da entidade na gestão 86-88 e vice-presidente da AGB Nacional na gestão 1992-94.

1. Como você chegou à escolha do Curso de Geografia?

Iniciaria dizendo que minha primeira escolha foi ser professora. Desde criança brincava de ensinar. Na medida que eu fui crescendo, aprimorava-se esta convicção. Chegou então o momento da escolha – o que ensinar? Como desejava ser professora, ao terminar o Ginásio (na época) fui cursar Escola Normal (denominação também da época). Quando me formei professora primária, desejei também ir mais adiante. Surgiu então a pergunta – o que gostaria de cursar para ser o professora em outros níveis? Fazendo uma leve avaliação de minha história escolar, percebi que meu gosto era pela Geografia. Foram sempre os meus professores de Geografia que me despertaram mais curiosidade quando estudava, vibrava com os relatos que faziam das viagens que tinham realizado, do mundo que conheciam. Na Escola Normal uma excelente professora de Geografia e História, aliás minha tocaia (xará), Dona Dirce estimulou-me com suas aulas para seguir esta trajetória.

2. Quando ouviu falar em AGB pela primeira vez?

É difícil dizer uma data. No entanto não me lembro de ter ouvido falar em AGB enquanto fazia o curso de Geografia na UFSM (69-72). Meu primeiro contato, e por consequência minha primeira lembrança, foi o de 1973, quando já formada e exercendo a profissão de professora de Geografia na FIDENE (Ijuí), atual UNIJUÍ, fui convidada a participar de um curso em Porto Alegre, quando da criação da AGB. Curso este ministrado pela professora Lívia de Oliveira. Meu primeiro contato foi quando me tornei também sócia fundadora da AGB-PA (1973). Lá se vão 25 anos.

3. Na sua opinião qual é o papel político, cultural e científico da AGB, no estado e no país?

O que mais me apaixona na AGB é reconhecer, através de sua história, seu importante papel mobilizador. Acredito ser a AGB uma das associações profissionais e culturais do Brasil que mais tem essa capacidade – reunir em eventos 2000 participantes. Através desta mobilização a AGB exerce um papel político que também se expressa na resistência, no combate, na tomada de posição sobre assuntos de relevância para

sociedade brasileira. Este papel alia-se ao movimento cultural significativo da AGB. Basta ler sua história de produção de conhecimento, de investigação e divulgação de problemas brasileiros. Esta atuação se faz, entretanto, não uniforme, se pensarmos na atuação local. Algumas AGBs, entre elas a nossa de Porto Alegre, apresentaram uma história de forte atuação, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza, entre outras. Em outros pontos do país, a articulação é difícil. Mas, seguramente esta entidade exerce um papel político, cultural e científico fundamental.

4. Cite três nomes de intelectuais que influenciaram e/ou influenciam sua formação.

É complicado citar três nomes, quando sabemos que nossa formação é influenciada por muitos. Vou fazer referência a quatro professores pelo papel que desempenharam e desempenham na minha formação. O professor Ivo Lauro Müller Filho, UFSM, que através de suas aulas me fez gostar de Geomorfologia, área que atuo mais diretamente. O professor Adilson Avanci de Abreu, orientador do doutorado, pela sua competência na forma como conduziu a orientação da tese de doutorado – total abertura, diálogo fecundo e constante. O professor Milton Santos que me fez descobrir uma Geografia Nova, lá pelos anos 70, e que continua influenciando hoje, pela sua capacidade de instigar a reflexão e o filosofar sobre Geografia, ajudando-me a construir novas idéias sobre outra temática de meu interesse: Epistemologia da Geografia. Sou também influenciada, como professora, pelos escritos do professor Paulo Freire. Um pouco do que sou como professora devo às leituras e à reflexão que tenho feito de algumas de suas obras.

5. Quais os lugares onde você estudou e trabalhou?

Sou nascida no Pampa, fronteira com o Uruguai (Quaraí-Artigas). Iniciei a estudar, portanto, em Quaraí. Fui alfabetizada pela minha mãe, estudei um tempo curto numa escola rural. Cursei o primário e o ginásio em escolas públicas em minha terra natal (Escola Brasil e Ginásio Estadual Prof. Diehl). A Escola Normal comecei em Uruguaiana (Escola Normal Elisa Walls) e conclui na Escola Olavo Bilac, em Santa Maria, todas escolas públicas. Estudei na Universidade Federal de Santa Maria, onde me formei na Licenciatura em Geografia. Posteriormente fiz mestrado e doutorado no Departamento de Geografia na Universidade de São Paulo. Iniciei minha atividade profissional como professora primária em cursos noturnos, ensinando adultos. Exerci também o magistério na rede pública estadual (Ijuí). Como professora de Geografia iniciei minhas atividades no Colégio Santa Maria (Irmãos Maristas). Trabalhei também numa escola particular administrada por Irmãs Católicas em Silveira Martins (então Distrito de Santa Maria). Fui primeiramente professora universitária junto ao Departamento de Ciências Sociais da atual Unijuí (1973-1981), trabalhei posteriormente no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (1979-1985) e, finalmente, assumi minhas funções universitárias junto no Departamento de Geografia da UFRGS. Neste trabalho desde 1985.

6. Como você conciliou e concilia a profissão e a família?

Preciso antes de responder a esta questão dizer algo que antecede. Sou filha primogênita de um casal de comerciantes. Minha mãe sempre trabalhou, desde os anos 40

(período da Guerra), quando as mulheres começaram a ser chamadas para ocupar determinadas funções, no caso dela telefonista e depois comerciária. Meu pai, à medida que cresci, me orientou para o trabalho. Não fui criada como mulher para ser somente esposa e mãe. Ao contrário, para meus pais o importante era trabalhar, era a profissão. O desejo deles é que suas duas filhas tivessem uma formação superior. Meu pai desejava que eu estudasse para ser engenheira ou farmacêutica. Acabou aceitando que eu fosse professora. Coloco isto para dizer que cabia a mim trabalhar. Constituir família era importante nos conselhos de minha mãe. Ser profissional era prioritário nos conselhos de meu pai. Não tive escolha em ser isto ou aquilo. Casei, tive três filhos e trabalhei e trabalho o tempo todo. Aprendi que tudo isto deveria fazer parte de minha vida. Nesta trajetória não sei se houve conciliação harmoniosa. Sempre desenvolvi todas as atividades profissionais e familiares. Não foi fácil. Em determinadas épocas contava com o auxílio de outros. Minha mãe e meu pai, por exemplo, muitas vezes cuidaram dos netos (mestrado e doutorado). Não lutei para ser independente, nem participei de movimento feminista. Fui orientada na vida desde os anos 50 para ter família e trabalhar. É isto que continuo fazendo, meus filhos ainda crescem. A única certeza que tenho é que as vezes é sobrecarregado. Meus filhos não conheceram outra mãe e parecem gostar desta. Eu não conheço outra trajetória e acredito que não teria feito nunca uma única opção.

Opinião

7.1. *Geografia Física ou Geografia Humana.*

Atuo por formação na disciplina de Geomorfologia. Sempre gostei de conhecer a natureza, mas nunca esqueci a sociedade, por isso nem Geografia Física nem Geografia Humana, mas sim Geografia. Na minha concepção podemos privilegiar, na análise, natureza ou sociedade, devemos entender natureza na sua conflituosa relação com a sociedade. A Geografia faz uma leitura da natureza a partir da dimensão social. Não é, portanto, uma Geociência. A ciência contemporânea tende para a articulação destas categorias. Na Geografia esta questão faz parte de sua história, de suas reflexões, de sua epistemologia.

7.2. *Paisagem ou Território.*

Ao desenvolver minha tese de doutorado considerei os dois conceitos na análise. Falei de Paisagem como articulação de elementos da natureza; falei de Território quando se dá a posse desta pela sociedade através de sua apropriação política. Hoje refletindo sobre esta, quer me parecer que paisagem é um conceito aberto, amplo, que constitui a expressão materializada da interação sociedade-natureza circunscrita a uma dimensão espacial. Espaço este que hoje, devido ao desenvolvimento tecnológico se amplia em visualização. A partir das imagens de satélite podemos observar a paisagem do planeta, por exemplo. Ampliamos então a possibilidade de observá-la na sua dimensão material. Agora, paisagem pressupõe processo, movimento, sua análise implica ir além de sua materialização. Paisagens são apropriadas no processo próprio de suas construções. São construídas a partir de decisões político-econômico-sociais, portanto fazem parte do território. Um território pode absorver uma diversidade de paisagens (variação no arranjo dos elementos naturais e sociais). Constituem, portanto estes dois conceitos, expressões de um mesmo processo. Paisagem e Território, conforme penso hoje, são duas dimensões conceituais que se superpõem.

7.3. *Licenciatura ou Bacharelado.*

Educador-pesquisador, pesquisador-educador, qual a diferença? Concebo a separação apenas como opção de trabalho. Querer ser professor, querer ser bacharel implica vivenciar a Geografia de forma diferenciada. Mas melhor seria ser os dois. Melhor seria não considerar duas formações acadêmicas. Melhor seria compreender Licenciatura e Bacharelado como duas formas de praticar a Geografia. Parece que este não é o caminho pensado hoje pelos novos bacharéis. É uma pena dividir; fragiliza.

7.4. *Um momento marcante de sua vida profissional.*

Um momento marcante de minha vida profissional, uma boa pergunta. Sempre encarei minhas conquistas profissionais como etapas vencidas, metas alcançadas, obrigações cumpridas. Tudo como se fosse uma normalidade. Não obstante houve vários momentos marcantes, gratificantes. Considero momentos marcantes, aqueles em que tive de fazer discursos: homenageando o Prof. Milton Santos, quando recebeu o título de Doutor Honoris Causa na UFRGS, e como paraninfa de três turmas de formandos em Geografia da UFRGS. Estes foram marcantes para mim, porque foi quando me expus com muita emoção ao juízo e à gratidão de muitos. O ato de homenagear e ser homenageada significou o reconhecimento de minha carreira como professora. Constituiu a expressão positiva de nosso trabalho. Ao lembrar desses momentos fico extremamente agradecida a meus colegas e meus alunos.

7.5. *Um momento marcante de sua vida pessoal.*

Quando convivi com duas faces de nossa trajetória como pessoas, a vida e a morte. Quando tornava-me mãe, sentia que morria um pouco do que eu era e renascia em mim uma outra pessoa. Quando morreu meu pai, morri em parte com ele, em parte renasceu ele em mim. Estes momentos foram marcantes, pois a transformação foi extremamente significativa. A partir destes minha vida mudou...

7.6. *Uma atividade de lazer especial para você.*

Talvez esta seja uma resposta já esperada. Afinal, estudo Geografia. Lazer especial para mim associa-se a viagem; consiste em deixar o lugar e as coisas do cotidiano, não necessariamente ir longe. Simplesmente passar a chave na porta da casa e dirigir-se a outro lugar, conviver com outras pessoas. Conversar muito, se for possível, brincar, jogar. Voltar um pouco para a infância, tagarelar muito. O silêncio, mais do que a solidão me perturba. Na solidão podemos dialogar, mesmo que seja conosco.

7.7. *Sobre os desafios do ensino da Geografia no Brasil em tempos de Nova LDB, PCNs e Liberalismos*

A grande contradição está em sabermos hoje que a educação é sem sombra de dúvida a condição básica para o crescimento individual e social, particularmente neste momento histórico – o período dito do conhecimento – e estarmos vivendo uma situação de total desconsideração ao ensino público, o mais democrático e acessível a população. Penso que nestes tempos de liberalismos, LDB e PCNs a questão básica é o significado do ser professor. Parece que não somos hoje tão necessários, haja vista a desvalorização social desta profissão, num país tão carente de ensino, desde o fundamental até a universidade. Em relação à Geografia, até onde conheço a LDB e os PCNs, esta constitui uma disciplina fundamental ao ensino. De primeira a quarta série a Geografia (no seu conteúdo), aparece explicitamente. Da mesma forma na proposta de

quinta a oitava séries. O grande desafio está, em meu entender, no âmbito da capacitação do docente de Geografia. Este tem como tarefa projetar na escola um ensino de qualidade nessa área. O espaço ainda existe, ele precisa ser ocupado com competência, buscando uma renovação, uma Geografia que ainda não aconteceu substancialmente em relação à Geografia que se ensina.

7.8. Um recado

Para finalizar, deixo um recado. Completo 25 anos de formação em Geografia e de sócia da AGB neste ano de 1998. Durante este tempo todo dediquei meu trabalho à Geografia e em alguns anos à AGB (participando em diretorias: local e nacional), com muito carinho. Acredito e basta ler a reflexão feita por outros cientistas sociais, que o espaço e a Geografia são hoje fundamentais. A temática geográfica está sendo cada vez mais exigida em termos de sua compreensão. É preciso estarmos atentos.

ENTREVISTA COM A PROF^A DR^A HELENA COPETTI CALLAI

Helena Copetti Callai é professora no Curso de Geografia do Departamento de Ciências Sociais e no Curso de Mestrado em Educação na Ciência da UNIJUÍ. Associou-se em 1973, mantendo vínculo permanente com a entidade desde então, participando e promovendo as atividades da AGB-PA.

1. Como você chegou à escolha do Curso de Geografia?

Ao entrar na universidade queria escolher entre Filosofia e Estudos Sociais, na época – Licenciatura Curta. Por razões de mercado de trabalho optei por Estudos Sociais. Ao concluí-lo, o que me pareceu mais interessante para estudar foi Geografia Humana. É bom salientar que na época era uma Geografia essencialmente descritiva, de informações. A Geografia Física descrevia a terra em seus vários aspectos e a Geografia Humana envolvia um pouco mais de discussão e de reflexões sobre o homem e a sociedade. Ingressei no curso de Geografia (Licenciatura Plena) pensando na especialização nesta área. Desde lá tenho trabalhado a Geografia (especialmente na dimensão do ensino) na perspectiva de que seja uma ciência social, que estuda o humano e o físico, não privilegiando um ou outro, mas considerando o espaço construído pelo homem; um espaço que ao mesmo tempo em que é a base territorial do homem é também um elemento ativo, que interfere nas ações dos homens.

2. Quando ouviu falar em AGB pela primeira vez?

Em 1973, quando no Departamento de Ciências Sociais da FIDENE/Ijuí recebemos um convite para participar de um curso ministrado pela Prof^a Livia de Oliveira, da UNESP/Rio Claro, sobre Metodologia e Didática da Geografia, que marcava a funda-